

A humanidade entre o riso e o choro

POR PATRICK SELVATTI

Aos 54 anos e com 25 de estrada, Rodrigo Fagundes vive um dos momentos mais especiais de sua trajetória artística. Escalado para interpretar Nicolau em *Quem ama cuida*, novela das 21h da TV Globo, o ator mineiro de Juiz de Fora entrega ao público um personagem que foge radicalmente do humor escrachado que o consagrou no extinto *Zorra Total* e em tantos outros trabalhos ao longo dos anos. E essa mudança de registro, longe de ser um acaso, é fruto de um desejo antigo do ator, que sempre buscou se desvencilhar do rótulo de comediante para explorar outras camadas da atuação.

"Sempre tive esse desejo de não ter que ser necessariamente engraçado em cena. Amo o humor, sei fazer, está em mim. Mas acho que capricho na humanidade do Nicolau, na verdade dele. A graça vem das situações. A tragédia flerta descaradamente com a comédia. Na vida e na arte também", reflete Rodrigo, que vê no personagem uma oportunidade de mostrar sua versatilidade sem abrir mão de sua essência cômica, mas colocando-a a serviço de uma construção mais densa e emocional.

Segundo o ator, Nicolau é, antes de tudo, um sobrevivente. "É de muito boa índole, coração bom, que ama seu trabalho e procura ser justo e amigo de quem o cerca. Inspiração para compô-lo não me falta. Mas tento temperá-lo como se fosse um mocinho de novela de época, que valoriza o básico da educação, do trato e da compaixão pelo próximo", explica.

Essa referência ao universo das tramas de época não é à toa: Rodrigo busca imprimir em Nicolau uma nobreza de caráter que remete a heróis românticos, mas sem perder o pé no chão da realidade contemporânea. O resultado é um personagem que conquista pela simplicidade e pela honestidade, valores que, nas palavras do ator, estão cada vez mais raros e, por isso mesmo, mais preciosos na teledramaturgia atual. "Acho que o público carece de figuras assim, que não são perfeitas, mas que tentam fazer o certo dentro do que é possível. O Nicolau erra, tropeça, mas sempre com o coração no lugar certo", complementa.

Respostas do público

Em cena, Rodrigo contracenava com Tatá Werneck, intérprete de Brigitte, e a química entre os dois tem rendido elogios do público e da crítica. Segundo o ator, o jogo flui de maneira natural e orgânica, fruto de muito estudo e respeito mútuo pelo texto e pelos parceiros de cena. "Tem sido um dos melhores prazeres dessa novela. Nosso jogo em cena flui! Ela traz sempre algo fresco e arriscado. É estudiosa, e nisso me identifico. Nos reunimos para passar o texto, nos ouvir e tentar colocar nosso tempero nos nossos personagens tão bem escritos", revela. Para ele, a troca com Tatá vai além da técnica: há uma sintonia que torna cada cena um convite ao público para se emocionar e se divertir ao mesmo tempo.

Rodrigo sente o impacto do personagem no dia a dia. Motoristas de aplicativo, frequentadores da academia, crianças, senhoras — todos o abordam nas ruas chamando-o de Nicolau. Ele revela que até mesmo os funcionários dos Estúdios Globo param para dizer que amam a novela e torcem por Nicolau, o que reforça a conexão que a trama estabeleceu com o público desde os primeiros capítulos. "Isso é muito gratificante, porque a gente passa tanto tempo gravando, se dedicando, e quando vê que aquilo chega nas pessoas de verdade, que elas se importam com o que acontece com o personagem, é a maior recompensa que um ator pode ter", afirma.

Rodrigo também recorda com emoção o personagem Gigi Goes de Macedo, de *Volta por cima*, novela de 2024 que marcou a teledramaturgia ao tratar um romance homoafetivo com delicadeza e leveza dentro de um universo de contravenção. "Gigi Goes de Macedo mora na cobertura do meu coração. Foi um personagem tão lindo, tão humano, tão cheio de camadas, nuances, erros e acertos na forma como via a vida. Apreendi muito com Gigi, sobretudo a não me calar mais quando achar que devo me posicionar por algo na vida. Ele me deu coragem", desabafa, com a voz carregada de afeto.

O ator revela que, até hoje, recebe mensagens de jovens gays que o agradecem pela naturalidade com que o papel foi retratado, mas também de homossexuais mais velhos, que veem em Gigi um reflexo de

